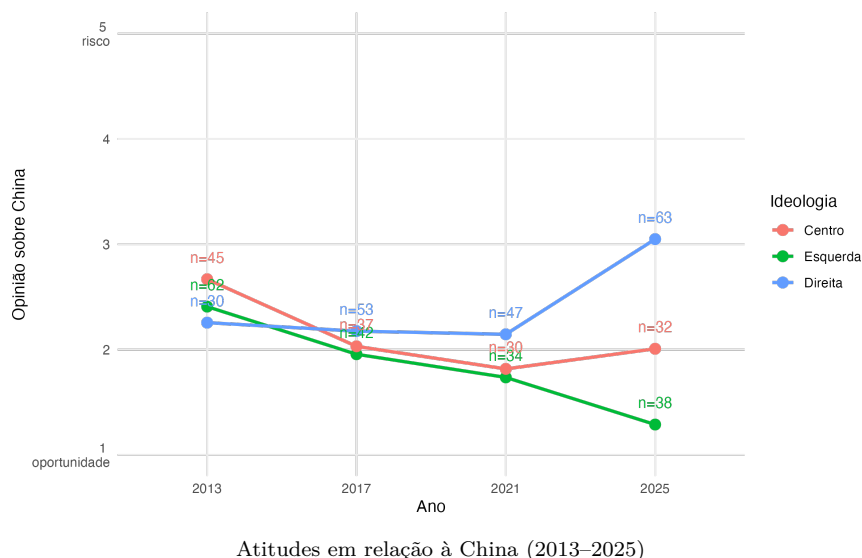


8 — Visões sobre a China

Maria Puolakkainen, Cesar Zucco, Bruna Ayres, Camila Reis, Timothy Power

Desde 2010, aproximadamente, a China consolidou-se como o maior parceiro comercial do Brasil, tornando-se o destino de metade das exportações agrícolas e de extração mineral do país. No entanto, essa relação estratégica passou por uma transformação radical na última década que transcende o volume de trocas financeiras: ela se refletiu profundamente na forma como os legisladores brasileiros percebem o parceiro asiático. Dados da Pesquisa Legislativa Brasileira (PLB) revelam que o debate sobre a China parece ter se descolado de interesses puramente materiais e econômicos para se tornar um dos temas mais ideologizados da política externa brasileira.

Análises anteriores, baseadas em dados da pesquisa coletados até 2017, indicavam que as atitudes dos parlamentares eram moldadas por fatores geográficos e econômicos locais. Representantes de regiões brasileiras negativamente afetadas pela competição com produtos chineses – os chamados choques de importação – tendiam a ver a China como um risco. Curiosamente, conforme observado em estudos daquele período, aqueles que representavam regiões positivamente afetadas pelo aumento das exportações, como o setor de *commodities*, não necessariamente viam a China como uma oportunidade clara, embora fossem obviamente beneficiários diretos do crescente protagonismo chinês na economia brasileira. Havia, portanto, uma lógica de “perdas materiais” guiando o ceticismo, mas sem um entusiasmo correspondente por parte dos vencedores econômicos.



Nas duas ondas mais recentes da pesquisa, realizadas em 2021 e 2025, esse mecanismo de choque comercial deu lugar a um padrão de percepção profundamente ideologizado. Como ilustra o gráfico abaixo, ocorreu uma divergência acentuada entre os blocos políticos: enquanto a esquerda brasileira consolidou uma visão cada vez mais positiva da China como uma oportunidade estratégica, os legisladores de direita moveram-se

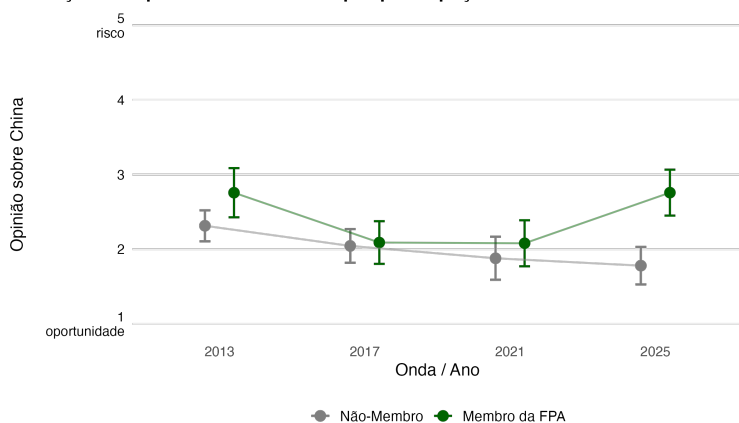
na direção oposta, expressando preocupações severas sobre o “risco chinês”. O resultado atual é um Congresso onde a percepção da China funciona agora como mais um marcador de identidade ideológica.

O que torna esse cenário particularmente intrigante é o fato de que essa polarização em relação à China parece ignorar a realidade material imediata. Dentre os participantes na pesquisa, membros da Frente

Contato: cz2972@columbia.edu | **Financiamento:** Rede de Pesquisa Aplicada da Fundação Getulio Vargas, CNPq e University of Oxford | **Apoio Institucional:** CEFOR-Câmara dos Deputados | **Dados:** dataverse.harvard.edu/dataverse/bls (10ª onda disponível em breve)

Parlamentar da Agropecuária (FPA) têm, hoje, uma tendência maior a ver a China como ameaça. A figura ao lado mostra que essa diferença se tornou particularmente acentuada em 2025. Embora a figura possa não parecer muito dramática, a probabilidade de um membro da FPA ver a China como risco mais que dobra em relação a não membros: passa de 10% para 23%.

Evolução da Opinião sobre a China por participação na FPA



Obviamente, uma limitação dessa comparação é que os setores representados na FPA e que mais se beneficiam da parceria comercial e do apetite chinês por matérias-primas – notadamente o agronegócio e a indústria extrativista – são historicamente vinculados a partidos de direita e centro-direita. Como a direita está sobre-representada entre os membros da FPA, uma comparação de membros com não-membros captura também diferenças ideológicas entre os parla-

mentares. No entanto, mesmo se restringirmos a comparação para apenas legisladores de direita, os membros da FPA continuam tendo uma probabilidade maior de considerar a China um risco (27% entre membros e 16% entre não membros). Isso significa que mesmo entre parlamentares de ideologia semelhante, ser membro da FPA está associado à posições mais anti-China.

Essas contradições se repetem no discurso público dos políticos na internet. O volume total de postagens em redes sociais por congressistas sobre China na atual legislatura é semelhante entre partidos de esquerda e de direita (1591 a 1764), embora o engajamento médio dos posts feitos por parlamentares de direita seja quase 4 vezes maior do que os de parlamentares de esquerda. Consequentemente, ao analisarmos o conteúdo dos 50 posts de maior repercussão em cada uma das principais plataforma social, a grande maioria é feita por políticos ligados a partidos de direita (201 a 38, com apenas 11 por políticos de partidos de centro). Dentro desse universo de posts de alta repercussão, a divisão ideológica é claríssima: 69% dos posts da direita são anti-China e 31% são “neutros”, enquanto que na esquerda 45% são simpáticos à China e 55% neutros. Não houve postagem negativa sobre a China por políticos de esquerda nem postagem positiva por políticos de direita. Nas postagens sobre China, a esquerda tende a falar mais de agronegócio e comércio exterior, seguido de questões de geopolítica enquanto que a direita fala mais de geopolítica e comunismo e autoritarismo. No entanto, mesmo quando a direita fala de agronegócio, a grande maioria das postagens sobre China são negativas, em que pese a importância econômica do país para o setor.

A China, portanto, é um quebra-cabeça para a representação política: legisladores cujas bases eleitorais dependem vitalmente do mercado chinês para sustentar sua prosperidade passaram a adotar uma retórica de risco e desconfiança. Uma explicação possível é que sinalizações ideológicas fornecidas por lideranças políticas tenham ganhado importância em relação ao cálculo racional de ganhos materiais e o interesse direto dos constituintes, o que significaria uma mudança profunda na cognição das elites políticas sobre o cenário global que se coloca para o Brasil. Tal abordagem, no entanto, pode ter se tornado ainda mais contra-intuitiva e menos sustentável no atual cenário da guerra-tarifária do governo Trump que sinaliza claramente a fragilidade das relações comerciais com os Estados Unidos e fornece munição para o fortalecimento da cooperação Sul-Sul e da diversificação dos laços comerciais.

Perguntas da pesquisa utilizadas neste texto:

china Você concorda ou discorda? O estreitamento de laços com a China gerará mais riscos do que oportunidades para o Brasil

1. Discorda completamente
2. Discorda parcialmente
3. Nem concorda, nem discorda
4. Concorda parcialmente
5. Concorda completamente